

## LEITURA E ESCRITA: As Dificuldades e Desafios no Processo de Ensino e Aprendizagem no 5º Ano do Ensino Fundamental

Valdinéia Amorim Lobato<sup>1</sup>  
Elivaldo Serrão Custódio<sup>2</sup>

### RESUMO

A leitura e a escrita são habilidades imprescindíveis para uma aprendizagem satisfatória na vida escolar do aluno, principalmente nos anos iniciais da educação básica. Além disso, a aquisição da leitura e da linguagem escrita representa um marco na história do desenvolvimento social e cultural do ser humano, que, nas últimas décadas, vem se destacando por meio da busca por novas tecnologias, metodologias e práticas inovadoras na/para a educação escolar. Diante deste contexto, o presente artigo teve por objetivo geral analisar as dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita encontrados por uma professora em seus alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Macapá-AP. Por objetivos específicos, a intenção da pesquisa foi identificar as principais causas que levam os alunos a enfrentar problemas na leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem, bem como compreender as estratégias didático-pedagógicas utilizadas pela professora e pela escola para melhorar a aprendizagem dos estudantes na aquisição da leitura e escrita. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória mediante estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista semiestruturada aplicada à professora do 5º ano, bem como a observação direta de quatro alunos que apresentam dificuldades de leitura e escrita. Os resultados mostram que para solucionar as dificuldades de leitura e escrita apresentadas ao longo da pesquisa, faz-se necessário um esforço conjunto de toda a equipe escolar, participação da família e prática pedagógica diferenciada, para que, ao final de cada ano, o aluno adquira as habilidades e competências necessárias para prosseguir nos estudos, assim como uma boa infraestrutura local e formação continuada de professores.

**Palavras-chave:** leitura e escrita; quinto ano; dificuldades; prática pedagógica.

### READING AND WRITING: THE DIFFICULTIES AND CHALLENGES IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN THE 5<sup>TH</sup> GRADE OF ELEMENTARY EDUCATION

### ABSTRACT

Reading and writing are essential skills for satisfactory learning in a student's school life, especially in the early years of basic education. Furthermore, the acquisition of reading and written language represents a milestone in the history of the social and cultural development of human beings, which in recent decades has stood out through the search for new technologies, methodologies and innovative practices in/for school education. Given this context, the general objective of this article was to analyze the difficulties in the development of reading and writing encountered by a teacher for her students in the 5th year of Elementary School at a Municipal School in Macapá-AP. For specific objectives, the intention of the research was to identify the main causes that lead students to face problems in reading and writing in the teaching and learning process, as well as to understand the didactic-pedagogical strategies used by the teacher and the school to improve students' learning. students in acquiring reading and writing. This is an exploratory qualitative research through a case study. The data collection instruments were a semi-structured interview applied to a 5th year teacher, as well as direct observation of four students who had reading and writing difficulties. The results indicate that to solve the reading and writing difficulties presented throughout the research, a joint effort from the entire school team, family participation, and differentiated pedagogical practice are necessary so that at the end of each year the student acquires the skills and skills necessary to continue studying, as well as good local infrastructure and continuing teacher training.

**Keywords:** reading and writing; learning; difficulties; pedagogical practice.

Submetido em: 19/7/2023

Aceito em: 26/9/2023

Publicado em: 16/4/2024

Publicado em (versão final): 16/10/2024

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Líder e fundador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática, Cultura e Relações Étnico-Raciais (GEPECRER). Macapá/AP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1546-3692>

<sup>2</sup> Universidade Federal do Amapá (Unifap). Programa de Pós-Graduação em Matemática (Profmat). Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais. Macapá/AP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2947-5347>

## INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita fazem parte da sociedade letrada, pois é fundamental na apropriação dos saberes da humanidade. Ler não é somente decifrar o que está escrito, mas interpretar o que se observa, mesmo sem palavras, promovendo a interação com os outros e engendrando sentidos. A aquisição da leitura e da linguagem escrita é um marco na história do desenvolvimento social e cultural do ser humano que, nas últimas décadas, vem se destacando por meio da busca por novas tecnologias, metodologias e práticas inovadoras na/para a educação escolar. São artes que abrigam processos criativos e artísticos, frutos de uma evolução histórica e cultural dos seres humanos, e, para compreendê-los de forma significativa, são necessários instrumentos básicos para ingresso e participação na sociedade letrada onde se vive.

Apesar das mudanças, porém, a realidade escolar apresenta um número elevado de alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, pois há alguns que ingressam no quinto ano do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever, o que dificulta o acompanhamento de outras atividades curriculares desenvolvidas e a interação social com colegas e professores. Desta forma, a pesquisa questionou: Por que muitos alunos do 5º ano do ensino Fundamental enfrentam grandes dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita? O estudo teve como pressuposto que a falta de motivação e as condições familiares socioeconômicas, culturais e psicoemocionais interferem no cotidiano escolar, implicando nas dificuldades de aprendizagem do aluno tanto para a leitura quanto para a escrita.

A motivação para o desenvolvimento da temática se deu por fatores pessoais e profissionais, resultados das reflexões e entrosamentos sobre o assunto abordado desde o estágio supervisionado na Graduação. Busca-se de verificar soluções pedagógicas para as dificuldades encontradas no contexto escolar das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que vão passando de ano, mas as dificuldades para aprender a ler, escrever, resolver cálculos entre outros conteúdos, permaneceram no decorrer desses anos.

Assim, a pesquisa objetivou analisar as dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita encontradas por uma professora em seus alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Macapá-AP. Os objetivos específicos, foram identificar as principais causas que levam os alunos a enfrentar problemas na leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem, bem como compreender as estratégias didático-pedagógicas utilizadas pela professora e pela escola para melhorar a aprendizagem dos alunos na aquisição da leitura e escrita.

O estudo foi composto por uma pesquisa bibliográfica, documental e estudo de caso com uma professora do quinto ano do Ensino Fundamental e seus quatro alunos que possuem dificuldades na leitura e na escrita. Os instrumentos utilizados foram a observação direta dos alunos e a entrevista semiestruturada com a professora regente. Foi abordado o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, quando se caracterizou o papel da família, da escola e da professora diante da aprendizagem, e as causas, dificuldades e consequências dos problemas, além de práticas didático-pedagógicas que ajudam a reduzir os fracassos existentes.

## O DESAFIO DE APRENDER A LER E ESCREVER

Ler, deriva do latim *legere*, que significa: colher, recolher, apanhar, enrolar, tirar, escolher, captar com os olhos. Transcrevendo o sentido do vocábulo, Macedo (1999, p. 123) explica dois sentidos. O primeiro diz respeito àquele que colhe informações que estão expostas no mundo; o segundo busca informações com o designo de recolher para si. Desta forma, a autora conceitua a ação de ler como sendo um ato de “descobrir caminhos, conhecer e reconhecer o mundo a nossa volta”.

De acordo com a tradição, o ato de escrever era considerado um código que concretizava a fala. Neste contexto, não valorizava a função da leitura e da escrita e suas influências sociais. A pesquisa de Garcez (2002) ressalta que a escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana quanto na história de cada indivíduo. De acordo com Freire e Macedo (2011), para “aprender a ler e escrever, é necessário antes de tudo, ler e compreender o mundo, vinculando linguagem e realidade”, ou seja, ler implica, acima de tudo, conhecer, interpretar, decifrar, eleger, escolher, distinguir os elementos mais importantes daqueles que são menos significantes.

Um dos principais objetivos da leitura está em desenvolver atitudes que estimulem o leitor a buscar informações e referências, promovendo a independência e excitando a confiança pelas próprias buscas, estabelecendo relações entre o lido e os problemas que pretende resolver, tirando suas conclusões.

A aprendizagem se inicia a partir do nascimento, de forma intencional e vai se desenvolvendo no convívio com outras pessoas em ambientes sociais. Os estudos de Barca Lozano e Porto Rioboo (1998) afirmam que aprendizagem é um processo ativo, construtivo e significativo, haja vista a necessidade de várias atividades para que os conteúdos sejam assimilados, gerando estruturas cognitivas organizadas. Na visão dos autores é processo de assimilação/adaptação de hábitos, conceitos, acontecimentos, procedimentos e atitudes, valores e normas, adquiridos no meio em que vive por intermédio do processo de conhecer, perceber e raciocinar, com a finalidade de resolver problemas de forma ativa e construtiva.

Salgado (2009, p. 45) define este processo como sendo “uma função integrativa, onde se relacionam o corpo, a psique e a mente” para que possa utilizá-la individualmente. Nesse sentido, a criança, ao ir à escola, leva consigo uma carga de conhecimento, pois a cabeça não é vazia, tem uma construção histórica, cultural e social e que supõe, portanto, interação com as pessoas. Assim, toda criança aprende, mas não em qualquer situação e tampouco da mesma forma.

Segundo Ramos (2012, p. 35), tanto a prática da leitura quanto a da escrita, são atividades cognitivas com atribuições de sentido, o que exige um processo contínuo, que se inicia fora da escola e que se prolonga por toda a vida. A autora orienta que deve ser acompanhado por práticas pedagógicas que promovam experiências diversificadas. Nessa mesma linha de pensamento, as reflexões de Piaget (1978) demonstram que a aprendizagem se relaciona com o desenvolvimento da criança, e o professor, para aumentar as possibilidades do conhecimento, necessita estimular o aluno, mas de acordo com a maturação de cada um.

Nos estudos de Vygotsky (Antunes, 2002, p. 28) “os andaimes” são a Zona de Desenvolvimento Proximal, conhecida como ZDP, que está relacionada ao nível de conhecimento adquirido com a ajuda de uma pessoa mais experiente, buscando formas diversificadas de se pensar as soluções para um problema, contribuindo no desenvolvimento.

O ato de aprender a escrever e a aprendizagem da linguagem escrita, embora inicie no meio social diferente da escola, encontra nela o lugar de sistematização e ampliação, pois exige um trabalho consciente em relação às palavras e à sua sequência, implicando uma tradução da fala interior que, condensada, abreviada e compactada, passa para a fala oral, que é extremamente detalhada.

## **A INTERAÇÃO ESCOLA/FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

Os estudos de Rego (2003, p. 14) evidenciam que a família e a escola são instituições sociais importantes que atuam diretamente na aprendizagem dos alunos, haja vista as contribuições e influências sociais, políticas e educacionais que exercem na formação cidadã. Essas instituições tanto podem ser motivadoras no processo evolutivo dos alunos, transmitindo e construindo conhecimentos culturalmente organizados, quanto também podem atuar inversamente, castrando ou inibindo o crescimento intelectual, emocional e social, de acordo com a expectativa de cada ambiente.

Segundo Polonia e Dessen (2005, p. 35), para entender os processos de desenvolvimento e os impactos nos alunos, é preciso considerar as inter-relações existentes, ou não, entre a escola e a família, considerando-se que as variáveis familiares e escolares podem desencadear problemas de comportamentos antissociais que vão interferir na aprendizagem.

Entre os problemas que intervêm estão os relacionados com o baixo desempenho escolar, evasão, repetência, fatores interpessoais (*bullying*, violência), baixa autoestima, ausência de hábitos de estudos, falta as aulas e problemas de comportamento que se acentuam com o descaso de pais e professores (Ferreira; Marturano, 2002).

A pesquisa de Moraes (2006, p. 184) mostra que “às crianças que provêm de ambientes letrados têm mais facilidade em aprender a ler e a escrever do que crianças provenientes de ambientes não-letrados”, pois a família possui papel fundamental no desenvolvimento da capacidade de aprender e cabe a ela articular-se com a escola. Alunos que convivem em ambiente onde não existem informações (revistas, jornais, livros) e que a família não tem o hábito de ler tampouco o interesse em motivá-la, contribui para que, possivelmente, os filhos venham a desenvolver dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

As bases socioafetivas da interação dos filhos com os pais aumentam as possibilidades do desenvolvimento eficaz na aprendizagem do aluno, porém os pais nem sempre percebem a influência que exercem como primeiros “professores”, mas são eles que direcionam os modelos adequados. Infelizmente, filhos de pais sem preparo para a leitura e a escrita, têm pouco contato com livros, revistas jornais ou outro material de leitura.

Weiss (2004 ) destaca o ambiente escolar como principal responsável pelo insucesso do aluno na aprendizagem da leitura e escrita (p. 46). Reyes (2012, p. 41),

especialista colombiana em fomento à leitura e formação de leitores, ressalta que a escola tem de rever as barreiras entre “a linguagem da Educação e a linguagem da vida cotidiana”. A pesquisadora descreve, por exemplo, as ligadas à internet e à televisão. Explica, ainda, que “o mundo se abriu e a escola precisa considerar isso, integrando as novidades à sala de aula” (Reyes, 2012, p. 42) e que esta ação permite conhecer o aluno, se aproximar e falar a mesma linguagem. Nesta concepção, para ler e escrever é necessário construir significados.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (Brasil, 1998), a escola “deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores”. Nestes termos, os PCNs (Brasil, 1998) orientam o professor a permitir que os alunos escolham suas leituras, pois extraescola eles escolhem o que leem. É preciso ser desenvolvida na escola a leitura livre; caso contrário, ao sair da escola os livros ficarão para trás (Brasil, 1998, p. 17).

É fundamental que o aluno compreenda o porquê das suas dificuldades e perceba que o professor entende e vai ajudar na superação, buscando práticas pedagógicas adequadas para orientar e facilitar o entendimento e o aprendizado, tendo sempre em mente que a afetividade, a inteligência e o desejo se articulam pedagogicamente nas interações professor-aluno, quando se apresentam faltas e carências, mas “construindo, pensando, desejando, novas e infinitas possibilidades” (Dell’Agli, 2008, p. 120).

## CAUSAS DAS DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA

Segundo José e Coelho (2006), as causas das dificuldades podem ser de natureza: 1) Orgânicas: cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais (visuais e auditivas), deficiências motoras (paralisia infantil, paralisia cerebral, etc.), deficiências intelectuais (retardamento mental ou diminuição intelectual), disfunção cerebral e outras enfermidades de longa duração; 2) Psicológicas: desajustes emocionais provocados pela dificuldade que a criança tem de aprender, o que gera ansiedade, insegurança e autoconceito negativo; 3) Pedagógicas: métodos inadequados de ensino; falta de estimulação pela pré-escola dos pré-requisitos necessários à leitura e à escrita; falta de percepção, por parte da escola, do nível de maturidade da criança, iniciando uma alfabetização precoce; relacionamento professor-aluno deficiente; não domínio do conteúdo e do método por parte do professor; atendimento precário das crianças devido à superlotação das classes; 4) Socioculturais: falta de estimulação (criança que não faz a pré-escola e não é estimulada no lar); desnutrição; privação cultural do meio; marginalização das crianças com dificuldades de aprendizagem pelo sistema de ensino comum (p. 54).

A etiologia das dificuldades pode ser dividida em dois níveis: endógeno e exógeno. O primeiro diz respeito aos fatores hereditários e a influência em termos de desenvolvimento. Conforme Gómez e Terán (2008, p. 97), são os aspectos neurobióticos, ou orgânicos, e psíquicos, referentes ao Sistema Nervoso Central (SNC). No segundo está relacionada a influência das oportunidades e das experiências multissensoriais, além das necessidades de segurança, afeto, interação lúdica e linguística, responsabilidade e independência pessoal, ou seja, são os aspectos sociais e o “como se aprende”. Deve-se ter sempre em mente, contudo, que fatores externos e internos são interativos (p. 98).

É importante ter ciência, porém, que antes da “deficiência” e das “dificuldades” há um aluno, uma criança capaz de aprender do seu modo e com habilidades, muitas vezes além das qualidades incomuns. É necessário que a escola e professores valorize este conhecimento.

Para Dockrell e Mcshane (2000), há alunos que possuem deficiência decorrente de problemas neurológicos relacionados à falha na aquisição, processamento ou armazenamento da informação, envolvendo áreas e circuitos neuronais específicos, em determinado momento do desenvolvimento. Não é passageira e precisa de intervenções pedagógicas diferenciadas, pois, quando devidamente trabalhada por especialistas, pode ser reduzida ou compensada. Os demais alunos, de acordo com os autores, possuem dificuldades, baixo rendimento escolar, podendo ser decorrentes de falta de interesse, desmotivação para estudar, preguiça, distração, má nutrição, falta de reforço, estímulos.

Diferentemente, o conceito de incapacidade, que inclui problemas de gravidade variável, exprime uma desorganização funcional de atividade anteriormente bem integrada e utilizada. Engloba distúrbios provocados por lesões em zonas secundárias do cérebro, responsáveis por funções simbólicas e práticas superiores, resultando em incapacidade de distinguir (analisar e sintetizar), diferenciar capacidades, ordená-las e conservá-las e/ou controlar, regular e reprimir interferência, em “feedback” com aferências.

Conseqüentemente, as dificuldades de aprendizagem são problemas de responsabilidade da família, escola e professores, por isso é importante que todos os envolvidos no processo educativo estejam atentos, observando se as dificuldades são passageiras ou se persistem por longo prazo. Em busca de práticas didático-pedagógicas, o professor deve considerar que o aluno é um ser biopsicossocial que está sempre em transformação, pois vive submetido há um processo constante de aprendizagens, construindo ou transformando conhecimentos, seja na escola, rua, nos grupos de socialização ou na família.

Segundo Mata (2008), o professor precisa proporcionar aos alunos atividades de integração entre a leitura e a escrita, com a disponibilização de recursos na sala (textos literários, gibis, notícias de jornal, textos informativos de diversas áreas) e promoção de motivação, estímulos para o manuseio dos mesmos. O trabalho com projetos, de acordo com Solé (2008), é bastante produtivo, pois articula situações em que linguagem oral e escrita e leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, objetivando não somente a formação de bons leitores, mas também de escritores.

Para minimizar as dificuldades advindas da escrita, Mata (2008) explica que a motivação para aprender deve vir de dentro de seus usos reais, ou seja, da necessidade de escrever alguma coisa para alguém, com uma função específica, por exemplo, uma carta a um amigo ou a um parente ou um conto para fazer parte de um livro da turma.

## CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O delineamento foi fundamentado em uma pesquisa indutiva, exploratória, com estudo de caso, fundamentando-se nas pesquisas bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, a fim de investigar a respeito do tema, buscando explicar o problema a partir de referências teóricas já publicadas (Yin, 2005; Gil, 2010).

Os trabalhos selecionados, mesmo tendo recortes diferenciados de artigos científicos, monografias, dissertações, revistas especializadas, bases eletrônicas e livros sobre as dificuldades do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, evidenciam pesquisas científicas consistentes, ressaltando as principais ideias dos autores em discussão, apresentando informações relevantes que são confrontadas no sentido de se obter um quadro mais completo para pensar em soluções para as dificuldades provenientes da leitura e da escrita e seus dilemas no cotidiano.

A partir dos pressupostos teóricos foram examinadas as questões sobre o desafio de aprender a ler e a escrever, o valor social, a importância desse processo na vida do ser humano, os objetivos, a interação que a escola e a família necessitam desenvolver para o êxito na aprendizagem da criança, as causas das dificuldades e as práticas didático-pedagógicas para a leitura e escrita.

Sobre o estudo de caso, Yin (2005) afirma que este trata de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro da sua realidade, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas. O estudo de caso permitiu a análise da situação na qual se encontrava a professora e seus alunos com dificuldades na leitura e escrita, sem interferências no sentido de manipular comportamentos relevantes.

A pesquisa ocorreu em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Semed – de Macapá-AP. Os instrumentos de coleta adotados foram a observação participativa dos alunos e a entrevista com a professora. Com o intuito de conseguir maior veracidade nas respostas, mantiveram-se no anonimato os participantes envolvidos, preservando suas identidades. Assim sendo, ficaram nomeados como “Professora” e os alunos A, B, C, D e E.

A entrevista semiestruturada permitiu à entrevistadora e entrevistada dialogar com a intenção de obter informações de natureza profissional, tendo como objetivo compreender a opinião, sentimentos e anseios. É importante ressaltar que a pesquisa atendeu todos os procedimentos éticos para a sua execução, conforme postula a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e Resolução n. 510/2016 – Pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### Observação do espaço escolar

A Escola Municipal de Ensino Fundamental está localizada em um bairro da zona norte de Macapá, que ainda está sendo organizado, haja vista que grande parte dos seus moradores se constituem de migrantes vindos da Região Nordeste. Este reflexo é percebido pela clientela de pais que buscam educação formal a seus filhos, com o intuito de possibilitar melhores condições de vida.

A escola é voltada para uma tendência Progressista Crítico Social dos Conteúdos<sup>3</sup>, o que assegura a sua função social e política mediante trabalho com conhecimentos

<sup>3</sup> As propostas desta tendência foram desenvolvidas, no Brasil, por Dermeval Saviani, o qual se baseia em vários autores, como: Marx, Grasmci, Kosik, Snyders, entre outros. Junto a Saviani tem-se educadores como: José C. Libâneo, Carlos R. J. Cury e Guiomar N. de Mello.

sistematizados objetivando colocar as classes populares em condições de efetiva participação dentro da sociedade. Segundo Aranha (1992), busca-se “construir uma teoria pedagógica a partir da compreensão da realidade histórica e social, a fim de tornar possível o papel mediador da educação no processo de transformação social.

Os pais e/ou responsáveis são conscientes de suas ausências na escola e declaram como um ponto a ser melhorado por eles, indicando ações que poderiam favorecer a aprendizagem de seus filhos, como: acompanhar a rotina escolar da criança; observar o caderno; ajudar no dever de casa; orientar o filho no comportamento que devem ter na escola, participando das reuniões e conversando com os professores frequentemente.

Observa-se que os problemas de leitura e escrita se concentram nos 3º e 5º anos, quando tais habilidades ainda não foram alcançadas. Nas turmas de 3º do ano de 2016, dos 82 alunos, a maioria, 68 alunos (83%), foram aprovados, ficando retido o restante da turma, num total de 14 alunos (17%). Desses alunos retidos, ao chegar no 5º ano, alguns conseguiram amenizar as dificuldades de leitura e escrita, o que aumentou o índice de aprovados, que foi de 47 alunos (94%), sendo retidos apenas 3 (6%), apesar da redução do número de alunos nas turmas (Macapá, 2016).

No ano de 2017, tanto o 3º quanto o 5º ano melhoraram os rendimentos. Dos 75 alunos matriculados nas 3 turmas de 3º ano, 67 alunos (89%) foram aprovados, ficando retidos 8 alunos (11%). Houve uma queda de 6%, comparado ao ano anterior. Nas duas turmas de 5º ano, dos 55 alunos, 51 (93%) conseguiram aprovação e apenas 4 alunos (7%) ficaram retidos.

De acordo com a Sistemática de Avaliação do município de Macapá, o aluno, ao final do 3º ano, deve ter conseguido as habilidades de leitura e escrita, interpretação de textos e resolver situações-problema que envolvam as quatro operações, caso contrário deverá ficar retido (Macapá, 2012).

A avaliação do Ciclo Inicial de Alfabetização tem como objetivo o conhecimento de cada aluno, o acompanhamento de seu desempenho durante as atividades de aprendizagem e o entendimento de seus avanços e dificuldades em relação aos patamares definidos, tendo em vista a (re)orientação das atividades de ensino. Nesse sentido, trata-se de uma proposta em que a avaliação assume função diagnóstica e reguladora do processo ensino-aprendizagem, permitindo a efetivação da ação educativa com base nas necessidades de aprendizagem dos alunos.

Observando as fichas avaliativas dos alunos participantes do estudo, que estão retidos, e frequentam, no ano de 2018, ainda o 5º ano. Deveriam, porém, ter sido retidos no 3º ano, haja vista não apresentarem as competências necessárias para progredirem para o 4º ano.

Sobre este fato, a professora do 5º ano revelou que os professores, tanto do 3º ano quanto do 5º ano, sofrem pressão da gestão e da coordenação para não reter alunos, sobre o pretexto de a escola não ser vista de forma “negativa”, pois essa tem de trabalhar com a perspectiva de que “quanto menos alunos retidos tiver, melhor”. A cada 2 anos é realizada uma avaliação nacional chamada Provinha Brasil, que avalia as turmas do 5º ano nas disciplinas de português e matemática, posto que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da escola depende do desempenho desses alunos.



Os índices do Ideb não são apenas tabulados com os dados da Provinha Brasil, mas também com o diagnóstico final de cada ano. Então, uma escola que vai bem na Provinha Brasil, mas apresenta um número grande de reprovação, ou de abandono, ou ainda de defasagem de idade X série/ano, corre o risco de os dados serem divergentes.

A fala expressiva da professora entrevistada deixou claro a insatisfação em ser pressionada para aprovar alunos sem condição de prosseguir, haja vista o mesmo não ser apto. Nessa perspectiva, expôs de forma clara que não concorda com o sistema de ciclo, ressaltando que o “professor perde o domínio de sala de aula e ainda pior, não é mais respeitado”. Diante disso, demonstrou concordar com a reprovação, considerando a retenção do aluno como a solução para vários problemas, principalmente os de aprendizagem.

Considerando a Sistemática de Avaliação do Município de Macapá (2012), avaliar não se resume à forma mesquinha de aprovar ou reprovar, estabelecendo uma divisão entre alunos que alcançaram a expectativa do professor e alunos que não alcançaram, ou seja, avaliar dessa forma seria o mesmo que considerar somente o que Vygotsky chamou de nível de desenvolvimento real. A orientação do documento quanto à avaliação é para que as escolas busquem diagnosticar, por meio dela, as necessidades dos alunos sem eliminá-los do processo educacional, e, dessa forma, direcionar ações educativas capazes de incluí-los no processo de formação.

Na visão interacionista representada por Vygotsky (2001), o nível de desenvolvimento potencial deve ser considerado nas avaliações, pois trata-se de um conhecimento que está prestes a se tornar real; “este nível é, para Vygotsky, bem mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que ela consegue fazer sozinha” (Rego, 2003, p. 73).

No que diz respeito à formação continuada, a escola, com a finalidade de melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, vem desenvolvendo as seguintes atividades: a) Ciclo de Estudos: a cada 15 dias, de acordo com cronograma estabelecido pela equipe de profissionais; b) Planejamento Semanal: encontro dos professores por ano/série para discutir e planejar as ações a serem desenvolvidas em sala de aula; c) Oficinas pedagógicas: uma vez por mês com temas e equipes a serem definidos pela equipe docente.

## **As condições sociais da família**

A maioria dos pais precisa trabalhar o dia inteiro. As crianças ficam muito tempo sem acompanhamento. Em outros casos, o aluno capta a mensagem da família entendendo que estudar não é algo tão importante. Irrefutavelmente, a condição social e familiar são fatores que influenciam na aprendizagem. Pesquisa realizada pelo Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), de 2012, comprovou esta realidade sobre condição de vida, dedicação à escola e escolaridade dos pais.

O cruzamento de dados da pesquisa revelou que mais de 60% dos alunos que viviam em casas sem luz elétrica ficaram em níveis de leitura insuficiente ou abaixo de insuficiente. As notas ruins repetiram-se entre os que moravam em ruas sem calçamento ou casas que não tinham água encanada.

A tabulação ainda enfatizou a influência negativa de defasagem idade e série/ano. Mais de 67% das crianças que tinham 13 anos ou mais e continuavam no 3º ano se encontravam nos níveis insuficientes ou abaixo de insuficiente. Entre os que estavam com 9 anos, 24,4% tiveram esse desempenho e 75,6% ficaram acima do nível regular, isto é, acertaram mais de 50% das questões.

Segundo a professora, devido uma participação muito deficitária dos pais nas atividades que envolvem a família na escola, a coordenação pedagógica sentiu a necessidade urgente em convocá-los com mais frequência para as atividades escolares dos filhos, pois, em sua grande maioria, justificam a ausência por trabalharem fora ou demais.

A escola vem desenvolvendo diferentes ações para fazer da família uma excelente parceira nas atividades escolares. A proposta pauta-se, no entanto, em construir um projeto coletivo, sendo os elaboradores todos os agentes educacionais, os pais e/ou responsáveis pelos alunos e comunidade em geral. Assim, para a construção coletiva ter sucesso eles buscam estratégias como: reuniões, encontros, ações e plantões pedagógicos, entre outros.

### **Dificuldades encontradas pela professora**

Segundo Ferreiro (1989), o ponto de partida para o processo de aprendizagem é que o professor conheça o estágio cognitivo e os níveis conceituais de escrita e leitura, estágio em que as funções mentais estão se formando, pois representam a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial. A professora entrevistada é conhecedora das potencialidades, possibilidades e limitações de seus alunos, descrevendo a história e o desenvolvimento psicomotor, afetivo e social de cada um deles. Apesar de alguns não terem a escrita definida, ela sabe interpretar a produção gráfica de maneira positiva.

Aprender a respeitar o aluno por meio de suas produções e esforços é propiciar uma aprendizagem significativa e não meramente mecânica, ou seja, atividades que levem em consideração os conhecimentos que os alunos detêm para despertar o interesse em aprender. É uma forma de contribuir com o processo de aquisição da leitura e escrita. Em busca de soluções para o enfrentamento e amenizar as dificuldades de leitura e escrita dos alunos e como forma de auxiliar o trabalho, ela conta com o auxílio de estratégias desenvolvidas pela gestão e coordenação pedagógica da escola.

O Programa Novo Mais Educação – PNME –, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016, foi instituído por meio da realização de acompanhamento pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática e do desenvolvimento de atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer, impulsionando a melhoria do desempenho educacional (Brasil, 2016).

Nas segundas-feiras eram desenvolvidas as atividades de português e matemática, voltadas principalmente para os alunos com dificuldades. Nas quartas-feiras efetivavam-se as atividades culturais, correlacionadas com a arte e a capoeira. Essas atividades foram desenvolvidas por monitores (acadêmicos de pedagogia e de arte). As atividades de reforço eram realizadas nas terças e quintas-feiras, com uma hora acrescida após o término das aulas. Essas ações eram para ser extintas com a

criação do PNME, porém os alunos com dificuldades em leitura e escrita geralmente não participavam, o que obrigou a escola a realizar, no final da aula, o reforço escolar.

De acordo com a professora, a proposta do PNME era para desenvolver integralmente aquele aluno que está em risco social, mas na escola ele veio como sugestão da coordenação para terminar o reforço no horário de aula, no entanto só deu certo na primeira semana. Nas palavras da professora, a escola não aceita o reforço no contraturno porque não tem espaço, e pela manhã já tem outras turmas regulares. A única alternativa que a escola encontrou foi no sábado ou após as aulas. Para ela, o reforço tem de ser com maior duração de tempo e dias no contraturno, porque no final da aula os alunos estão com fome, cansados e, assim, não há produtividade. A professora vê o desinteresse deles em não querer participar. Até ela mesma já se encontra com vontade de ir embora depois de quatro horas em sala de aula.

A biblioteca e a sala de vídeo, usadas também na terça-feira (no horário da aula normal), constituíam outros ambientes de aprendizagem, pois oportunizavam a dinamização do processo de ensino-aprendizagem com atividades específicas propostas pela própria coordenação desses ambientes. A leitura e a escrita nesses ambientes aconteciam de forma interdisciplinar e transdisciplinar, como intercâmbio mútuo e de integração recíproca, em que todo o conhecimento se mantinha mediante um diálogo permanente com outros conhecimentos, podendo ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação ou de aspectos não distinguidos.

Neste contexto, Machado (2000) expõe que no ensino escolar é necessário criar centros de interesse e que as fontes principais não costumam ser os próprios conteúdos disciplinares, mas se encontram nas relações interdisciplinares, ou mesmo nas temáticas transdisciplinares.

Dentre as atividades desenvolvidas na sala de leitura, estão: contação de histórias (em rodinha, seriada, dramatizada, por meio de fantoche, *slides*), leitura dos alunos de forma compartilhada, individual, em dupla (gibis, revistas, desenhos, livros), realização de desenhos, colagens, pinturas, criação de uma nova história, elaboração de textos coletivos, entre outras.

Reyes (2012) sugere jogos que ajudem a desenvolver a ortografia, a redação e a gramática de uma maneira mais divertida, criativa e significativa. Os processos de desenvolvimento e de aprendizagem, envolvidos no jogar e no brincar, contribuíram de forma significativa nos processos de apropriação do conhecimento. É algo social que antecede a cultura e tem como objetivo entreter, fascinar, distrair, alegrar e estimular.

As atividades lúdicas submetem os alunos a respeitar regras, aprender a dominar seu próprio comportamento, desenvolver o pensamento abstrato, a percepção visual, o autocontrole, a observação e a memorização. Os jogos e brincadeiras devem ser utilizados como importantes instrumentos pedagógicos para o desenvolvimento das habilidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais. Observa-se que faltam maiores investimentos em materiais diversificados e lúdicos que despertem o interesse do aluno não apenas como tarefa, mas também como forma de se distrair, ou seja, as atividades de leitura e escrita devem ser prazerosas e significativas para o estudante.

Segundo a professora, a diversidade em que se trabalha a leitura e a escrita é um fator que influencia na aprendizagem dos seus alunos, por construir um ambiente de letramento por mínimo que seja o resultado, pois há fatores que dificultam, não sendo apenas a metodologia.

A professora foi categórica quando afirma que a dificuldade dos alunos está ligada à falta de acompanhamento dos pais no desempenho dos alunos. Segundo ela, “se os pais acompanhassem os resultados seriam diferentes; um tipo de recuperação paralela. Nenhum deles é acompanhado pelo Atendimento Educacional Especializado – AEE –, porque não possuem deficiências” (Professora do 5º Ano, 2018).

De Andrade e Amorim (2023, p. 8) enfatizam que o desenvolvimento da prática da leitura “institui nas crianças o gosto pela leitura e, por conseguinte, cabe ao professor o papel de promover esse interesse. A família também pode contribuir com essa prática, lendo com e para seus filhos”, ou seja, os pais são fundamentais quando motivam os filhos a serem mais dedicados nos estudos e também quando fazem acompanhamento em suas tarefas diárias, estipulando rotinas de estudos em casa, proporcionando incentivos e oferecendo subsídios que os levam à escrita e à leitura.

As pesquisas de Weisz (2005) demonstram que o professor não deve preestabelecer o que é fácil ou difícil para o seu aluno, pois não se pode “enxergar” o objeto do seu conhecimento com o olhar de quem ainda não sabe o que vai aprender e quais os caminhos que os alunos devem percorrer para realizar as aprendizagens.

Assim, para o aprendizado da leitura e da escrita faz-se necessário um trabalho multidisciplinar com toda a comunidade escolar, principalmente com a cumplicidade dos pais. Concordamos com Gehrke, Hammel e Sapelli (2023, p. 2) quando ressaltam que o planejamento do trabalho pedagógico deve resultar na organização de vários elementos, como “conhecimento da realidade, definição de objetivos, seleção de conteúdos, escolha de metodologias, adoção de método, construção de processos de acompanhamento, avaliação e realimentação dos processos”, ou seja, um conjunto de elementos que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, o aluno deve ter ciência da importância da escola na sua vida.

### **A observação direta: os alunos do 5º ano e suas dificuldades**

O aluno A é introspectivo, fala apenas o necessário ou quase nada. Fica em sua cadeira a maior parte do tempo. Neste ano (2018) começou a identificar o alfabeto, mas ainda não domina totalmente. Observa-se que o mesmo não possui nenhum tipo de transtorno, de audição e/ou problemas de visão. Por ser o mais velho dos irmãos, é responsável pelos irmãos menores. A mãe tem pouco estudo e não frequentou a escola. Difícilmente comparece às reuniões pedagógicas, alegando, como motivo da ausência, o trabalho.

Em termos de aprendizagem, o aluno A vem desenvolvendo-se lentamente a partir das metodologias aplicadas pela professora, pois em casa não tem acompanhamento nem estímulos. Escreve, mas só identificando as vogais, algumas consoantes e o próprio nome. Por vir acumulando dificuldades durante o passar dos anos, tem pouco interesse nas atividades propostas, o que desfavorece o aprendizado. Observa-se que o

aluno é desprovido de cuidados com a higiene pessoal; geralmente não toma banho ou penteia os cabelos, o que pode elevar o desinteresse, pois não há traços favoráveis para a autoestima.

A aluna B também cuida dos irmãos e dos afazeres domésticos, e, devido isso, não costumava resolver as atividades propostas. Tanto o pai quanto a mãe não acompanham o desenvolvimento da filha, nem em casa tampouco na escola. Ela é uma das maiores preocupações devido a essas e outras situações. Observa-se que a aluna B é muito comportada e respeita a professora. Ela está mais envolvida com o aprendizado, pois consegue copiar o que está no quadro. Durante esses cinco anos apresentou uma melhora no rendimento no final do ano de 2017. Está no processo de silabação, mais ainda precisa melhorar bastante, haja vista que está no 5º ano.

Além de ter avançado, está motivada, demonstrando interesse e responsabilidade. Pelas conversas informais nota-se que a responsabilidade de adulto, atribuída a ela, faz com que esteja muito ausente da escola. Fisicamente demonstrou uma estrutura magra e frágil, e o sofrimento vivido é bastante explícito, pois lancha sempre mais de uma vez, e, às vezes, guarda o lanche para levar para a casa (as merendeiras já conhecem a situação, e sempre que podem dão lanches em garrafas pet para ela levar).

O aluno C é o que mais evoluiu do ano passado (2017) até o presente momento (2018), apesar de não ter apoio nenhum dos pais, não por não saber ler, mas de incentivos a estudar. Apesar das dificuldades, ele se esforça, porém seu único momento de estudo é na escola. Está progredindo bastante. No início do ano passado não conhecia o alfabeto e agora está lendo frases simples. Ele participa das aulas de reforço, interage com os colegas nas atividades e, quando tem dúvidas na leitura, pede ajuda. Afirma que tem vontade em aprender a ler e escreve sem dificuldades.

A aluna D, por ter um irmão autista, é desprivilegiada das preocupações dos pais que são alfabetizados, mas não participam da vida escolar da filha, ficando esta aluna um tanto sem atenção. De acordo com observações realizadas, a aluna nasceu de sete meses (prematura), teve vários problemas quando nasceu, tem baixa visão e usa óculos com grau bastante elevado, mas consegue copiar normalmente do quadro, o que já não acontece com a leitura, pois não conhece todo o alfabeto.

Esta é a segunda vez que fica retida. É uma aluna que conversa bastante e não cumpre com as tarefas que são designadas. Além disso, não se comporta e vive em confusões com os demais colegas. Tem dificuldades tanto para ler quanto para escrever, e, por não possuir as habilidades, não demonstra interesse. Foi a única que do ano passado (2017) até hoje não avançou.

Percebe-se que os problemas adquiridos estão relacionados desde o nascimento, mas também pela falta de atenção familiar. Complica-se, ainda, por estar entrando na puberdade e seus problemas fisiológicos serem de conhecimento de todos, haja vista a falta de controle. Este fato é exposto pelo menos uma vez por semana (a professora dispensa a aluna para casa por não ter condições de mantê-la em sala de aula).

O contexto dos alunos demonstra que, apesar de eles terem melhorando ao longo do último ano, precisam melhorar mais. É lamentável perceber que alunos que estão há mais de cinco anos estudando e que poderiam já ler e escrever minimamente,

não conseguem reconhecer todo o alfabeto, sílabas ou palavras. Ou seja, todos ainda se encontram no primeiro nível de aprendizagem, pois não atingiram as competências predeterminadas por disciplina.

É notório que esses alunos enfrentam dificuldades por diversos fatores, por exemplo: 1) falta de acompanhamento dos pais, que, por vezes, não tiveram estudo formal na escola e pouco dão importância a isso; 2) tarefas que deveriam ser dos pais e são cumpridas por eles, haja vista não terem escolhas. Alguns precisam cuidar dos irmãos menores para que os pais possam trabalhar.

A subnutrição está constantemente presente, e muitos vão à escola porque vai ter o que comer e ainda pela possibilidade de guardar um pouco para levar para o irmão que ficou com fome em casa. Outros porque têm a responsabilidade de sair mais cedo da sala de aula para pegar o irmão na outra escola, deixando, assim, de participar do reforço porque tem de ir cuidar dos irmãos para a mãe ir ao trabalho.

A professora sente-se fraca e impotente em torno das mazelas vividas pelos seus alunos, o que a deixa muito triste e angustiada, pois sabe da realidade desses e pouco pode fazer para melhorar a vida deles. Ela evidencia a necessidade de um trabalho com os pais para poder resolver os problemas dos alunos.

Geralmente quem vai para os plantões são os pais daqueles alunos que não trazem problema algum e que possuem o desenvolvimento de aprendizagem excelente. Verifica-se que são os melhores de sala de aula, pois há o acompanhamento familiar. Já os pais daqueles que possuem problemas vão à escola apenas no fim do ano, quando o aluno já está retido e não há mais nada a fazer. Para a professora, essas dificuldades têm relação direta com o pouco ou nenhum interesse da família na vida escolar de seus filhos.

Analisando as narrativas, percebemos que a maior parte das dificuldades apresentadas na turma do 5º ano do Ensino Fundamental estão relacionadas a fatores familiares que levam ao não acompanhamento da vida escolar dos filhos, como também por questões da migração de alunos que veem de outro Estado. Essas diferentes situações influenciam no processo ensino-aprendizagem, contribuindo para um baixo desempenho e baixa autoestima. Entendemos que um grande princípio pedagógico é a escola se aproximar da vida de seus alunos, conhecer a realidade que os cerca e suprir, de alguma forma, as deficiências encontradas.

A escola pública deve oferecer a possibilidade de reposição desses recursos. Não se pode trabalhar com a ideia de que o aluno não consegue se desenvolver porque é pobre; isto não justifica o seu atraso. A escola tem de se preparar para ajudar esses alunos, chegar até eles, reconhecer suas falhas, suas dificuldades e trabalhar os potenciais de cada um.

Sabemos que cada escola tem suas especificidades, não existindo, desta forma, uma receita ou um modelo pronto e acabado para o fortalecimento dessa relação, mas a experiência de sucesso de algumas escolas pode ser fonte de inspiração para outros projetos. A indicação de um profissional da escola para ser o responsável pelo relacionamento com os pais e a comunidade pode ser o início para fortalecer o diálogo. Para que as atividades sejam bem abrangentes, porém, faz-se necessário o apoio das Secretarias

de governo, pois, muitas vezes, os pais ou o aluno precisam de um atendimento fora das competências da Secretaria de Educação. Neste cenário, os resultados mostram que a participação da família na vida escolar causa impactos positivos, independentemente da origem social ou cultural dos alunos.

Seja qual for o projeto ou estratégias de ação, deve-se levar em consideração que a escola e a família desempenham papéis de grande importância na formação social e cultural do indivíduo, tendo responsabilidade na construção da pessoa humana em seus âmbitos espacial, temporal e sociocultural. A falta do amparo familiar e a carência afetiva podem estragar a personalidade e o comportamento.

Neste contexto, a escola, juntamente com a família, deve ser estudada em suas particularidades em busca de uma interação produtiva, com definição de funções em benefício dos alunos e para a efetivação, de fato, do ensino e da aprendizagem.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo comprova que a falta de motivação, as condições familiares socioeconômicas, culturais e psicoemocionais, que se manifestam de forma diferenciada em cada aluno, interferem no cotidiano escolar e implicam nas dificuldades de aprendizagem tanto para a leitura quanto para a escrita. Foi evidenciado, porém, que as dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita são decorrentes de ordens neurobióticas, ou orgânicas, e psíquicas, referentes ao Sistema Nervoso Central, ou, ainda, de cunho pedagógico.

As dificuldades e fracassos relacionados à leitura e à escrita dos alunos A, B, C e D, conforme os estudos e observações diretos realizados *in loco*, constituem um problema de causas instrucionais e ambientais com uma influência sobre as variáveis pessoais de aprendizagem por razões culturais, socioeconômicas, psicoemocionais, de aprendizagem e de integrações pedagógicas inadequadas, sendo decorrentes da falta de interesse, desmotivação para estudar, preguiça, distração, má nutrição, falta de reforço, estímulos, pressão dos gestores, material didático, preparação dos professores, entre outros.

O insucesso na aprendizagem da leitura e da escrita condiciona, frequentemente, a aprendizagem em outras áreas disciplinares em que o domínio da linguagem escrita, e em especial da leitura, é fundamental. Observa-se que os maiores entraves das dificuldades dos alunos estão no acompanhamento familiar, nos prejuízos socioemocionais advindos das dificuldades enfrentadas e na desvalorização das competências e habilidades da leitura e escrita.

Faz-se necessário construir um ambiente de letramento, de imersão e diálogo criativo com a cultura escrita, no qual o aluno seja alvo de interesse, pesquisa e muitas reflexões. Assim, combater à privação sociocultural, à pobreza e à miséria, que está na base de muitas das dificuldades apresentadas na pesquisa, não se faz por medidas puramente educacionais. Por essa razão, a solução não se opera somente na escola ou na política de educação; o problema, naturalmente, estende-se às questões econômicas, sociais e culturais.

Os pais, por mais que não saibam ler e escrever, por preocupações de como manter a família, ou por outros motivos, devem oferecer apoio e condições de aprendizagem,

especialmente para aqueles que apresentam alguma dificuldade, gerando, assim, uma interação entre escola e família.

O nível socioeconômico dos pais é um forte ponto a se considerar; tem séria influência e repercussão no andamento do projeto pedagógico e a ele deve ser ajustado. A escola tem a obrigação de desenvolver atividades que aproximem os pais da escola e os sensibilizem da importância da leitura e escrita na vida dos filhos.

No que diz respeito às práticas pedagógicas, a escola necessita de uma melhor articulação e organização do currículo, pois, até o momento, não possui uma identidade própria, haja vista não haver proposta pedagógica que contextualize a realidade educacional da comunidade, com metas e objetivos que favoreçam a melhoria da qualidade de vida dos alunos, com uma contínua avaliação de suas ações diárias bem como dos seus rendimentos na aprendizagem.

Para se tornar um leitor competente e um escritor eficiente, faz-se necessário professores capacitados, isto é, conscientes de sua prática educativa e preparados para os desafios constantes da atualidade. Além disso, têm que ser capazes de desenvolver uma mediação qualitativa no ensino-aprendizagem, com base em estímulos nos mais diversos contextos sociais e culturais, seja formal, ou não formal, na busca de formar alunos leitores competentes. Não há como caminhar na aprendizagem dos alunos quando os professores se sentem sozinhos e isolados em suas salas de aula, pois educação significa engajamento de toda a comunidade escolar no e durante o processo.

A escola deve dispor de recursos e cursos de formação continuada aos professores na busca de capacitá-los, com o objetivo de não haver falhas no processo de ensino-aprendizagem, pois um dos motivos que podem gerar alguns problemas de leitura e escrita é, certamente, a falha que ocorre durante o processo, quando não há profissionais preparados suficientemente para intervir de maneira adequada. Assim, pais, professores, coordenadores pedagógicos e escola devem proporcionar novos contextos para a aprendizagem da leitura e da escrita, em que sejam valorizados o sentido dessas práticas culturais bem como os interesses, as linguagens e a cultura dos alunos, porém, atentos às dificuldades, observando se são passageiras ou se persistem por longo prazo, necessitando da intervenção diagnóstica de um profissional especializado.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *Vygotsky, quem diria?! Em minha sala de aula*. 2. ed. Petrópolis, RJ Vozes, 2002.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *Pedagogia histórico-crítica: o otimismo dialético em educação*. São Paulo: Educ, 1992.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos*. 3. ed. Brasília Ministério da Educação: Secretaria de educação Fundamental. 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012*. Trata sobre as diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jun. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução no 510, de 7 de abril de 2016*. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.144, de 10 de outubro de 2016. Institui o Programa Novo Mais Educação, que visa melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2016.



- DELL'AGLI, Betânia Alves Veiga. *Aspectos afetivos e cognitivos da conduta em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Campinas: Faculdade de Educação – Unicamp, 2008.
- DE ANDRADE, Elizete Oliveira; AMORIM, Marília Godinho Martins. Experiências, estratégias e práticas de professoras alfabetizadoras. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 38, n. 120, p. e10347, 2023. DOI: 10.21527/2179-1309.2023.120.10347. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/10347>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- DOCKRELL, Julie; MCSHANE, John. *Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva*. Tradução Andrea Negreda. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicol. Reflex. Crit. [on-line]*, v. 15, n. 1, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100005>. Acesso em: 10 out. 2021.
- FERREIRO, Emília. *Alfabetização de crianças e fracasso escolar – problemas teóricos e exigências sociais*. Tradução Maria Zilda da Cunha Lopes. SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO ISSBD, 1989, Recife, PE, nov. 1989.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. GARCEZ, Lucília. *Técnicas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GEHRKE, Marcos; HAMMEL, Ana Cristina; SAPELLI, Marlene Lúcia Siebert. Planejamento pedagógico: a realidade/atualidade como ponto de partida. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí: Editora Unijuí, v. 38, n. 120, p. e11480, 2023. DOI: 10.21527/2179-1309.2023.120.11480. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/11480>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. *Dificuldades de aprendizagem*. Detecção e estratégias de ajuda. São Paulo: Cultural, 2008.
- JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Tereza. *Problemas de aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2006.
- LOZANO, A. Barca; RIOBOO, A. Porto. Dificultades de aprendizaje: categorías y clasificación, factores, evaluación y proceso de intervención psicopedagógica. In: SANTIUSTE, Víctor Bermejo; BÉLTRAN, Jesús. *Dificultades de aprendizaje*. Madrid: Síntesis, 1998.
- MACAPÁ. *Resolução nº 14/2012*. Conselho Municipal de Educação de Macapá – CMEM. Prefeitura de Macapá. Secretaria Municipal de Educação. Macapá, 2012.
- MACAPÁ. Prefeitura de Macapá. Secretaria Municipal de Educação. *Relatório de Aproveitamento anual*. Macapá, 2016.
- MACEDO, Stella Maris Moura de. Cultivando o prazer da leitura: o prazer de ler desde pequeno. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – SEED. *Salto para o futuro: Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- MACHADO, Nilson José. *Educação: projetos e valores*. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2000.
- MATA, Lourdes. *A descoberta da escrita*. Lisboa: Ministério da Educação: DGIDC, 2008.
- MORAIS, Artur Gomes de. *Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?* Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Enfund/alf\\_moarisconcpmetodalf.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Enfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf). Acesso em: 2 ago. 2021.
- PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família-escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, p. 303-312, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572005000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012). Acesso em: 10 out. 2021.
- RAMOS, Heloisa. *Alfabetização: a criança deve sair da Educação Infantil lendo?* Revista Nova Escola, ago. 2012.
- REGO, Tereza Cristina. *Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

SALGADO, Ana Maria. *Dificuldades de aprendizagem*: manual para pais e professores. São Paulo: Cultural, 2009.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Saresp 2012*: Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://saresp.fde.sp.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEISS, Maria Lucia Lemme. *Psicopedagogia clínica*: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

WEISZ, Telma. *A concepção do conhecimento*. São Paulo: Segmento Duetto, 2005. (Coleção memória da pedagogia, n. 5).

YIN, Robert K. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

**Autor correspondente:**

Elivaldo Serrão Custódio

Universidade Federal do Amapá (Unifap)

Programa de Pós-Graduação em Matemática (Profmat)

Rodovia Josmar Chaves Pinto – KM 02, CEP 68903-419. Macapá/AP, Brasil

[elivaldo.pa@hotmail.com](mailto:elivaldo.pa@hotmail.com)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído  
sob os termos da licença Creative Commons.

